

Contribuições saussurianas para o contexto de ensino de inglês como língua adicional

Saussure's contributions to English teaching context as additional language

Rossana Cassanta Rossi*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo descrever e analisar alguns dos aspectos da língua como sistema de signos trazidos no Curso de Linguística Geral a fim de refletir sobre as diferenças entre o sistema da língua inglesa americana e o sistema da língua portuguesa que possam contribuir para o contexto de ensino de língua adicional, particularmente o de língua inglesa. A partir da perspectiva da língua como um sistema de signos, é possível compreender as diferenças entre sistemas distintos. Essa compreensão possibilita desenvolver uma sensibilidade cultural das diferenças como algo positivo e permite buscar modos para atravessar as fronteiras que podem separar modos diferentes de produzir sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure. Sistema de signos. Língua adicional. Competências interculturais.

ABSTRACT: This article aims to describe and analyze some aspects of language as system of signs presented in the Course in General Linguistics. The purpose is to bring reflections on the context of additional language teaching, discussing differences between the system of American English language and the system of the Portuguese language. The theory of language as a system of signs helps to understand the differences between the systems. As a result, that understanding enables to develop a cultural sensitivity of the differences as something positive and helps to seek ways to cross borders that can separate different modes of producing senses.

KEYWORDS: Saussure. System of signs. Additional language. Intercultural competence.

1. Introdução

Este é um artigo teórico que visa retomar noções saussureanas úteis para a reflexão sobre as diferenças de sistemas linguísticos no âmbito do ensino de línguas. O objetivo é descrever e analisar alguns dos aspectos da língua como sistema de signos trazidos no Curso de Linguística Geral a fim de refletir sobre as diferenças entre o sistema da língua inglesa americana e o sistema da língua portuguesa que possam contribuir para o contexto de ensino de língua adicional¹. Ao invés de procurar analogias entre as línguas, busca-se entender as diferenças. A

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFSM). Professora do Colégio Militar de Santa Maria. Agradeço à Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer pelas sugestões e leitura crítica deste texto.

¹ Neste estudo é adotada a expressão “língua adicional” baseada em Schlatter e Garcez (2009, p. 127. Esse termo vem sendo utilizado para marcar “o acréscimo que a disciplina traz a quem se ocupa dela, em adição a outras línguas que o educando já tenha em seu repertório”. Além disso, essa expressão “ênfata o convite para que os educandos (e os educadores) usem essas formas de expressão para participar na sua própria sociedade” (ibid., em, p. 128).

compreensão dos diferentes modos de pensar e agir no sistema da língua (materna ou adicional) ajudará a desenvolver uma melhor competência comunicativa intercultural, entendidas como “habilidades em sustentar comunicação com o Outro que parte de sistemas de referência diferentes dos nossos” (MOTTA-ROTH, 2006, p. 295). Esse processo de compreensão não resulta apenas no entendimento (e respeito ao) do sistema e do modo de se posicionar do outro, mas resulta também no entendimento e reflexão do próprio sistema e do modo de posicionar a si mesmo. Nas palavras de Saussure: “O que primeiro surpreende no estudo das línguas é a sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro. [...] É exatamente por via dessas comparações que um povo toma consciência de seu idioma” (SAUSSURE, 1994, p. 221). E acrescento: através dessas comparações, também é possível que um povo se conscientize de seus valores culturais, de seu modo de pensar e agir no mundo, de si mesmo.

Para atender aos objetivos propostos, este texto se organiza da seguinte forma: em um primeiro momento, é feita uma revisão dos principais conceitos de Saussure, no âmbito do CLG, sobre o entendimento de língua como sistema e dos signos linguísticos; em seguida, são trazidos alguns de aspectos pontuais do ensino de inglês como língua adicional que são entrelaçados com os conceitos apresentados, produzindo discussão a respeito das diferenças entre sistemas. Por fim, algumas considerações são tecidas sobre o desenvolvimento de competências comunicativas interculturais para buscar estratégias para lidar com as diferenças entre os sistemas linguísticos.

2. O curso de Saussure: revisitando concepções

A obra póstuma Curso de Linguística Geral (CLG), atribuída a Saussure, apesar de ele não ser o seu autor, é um marco na área da Linguística. Seu valor não está no fato de Saussure tê-la escrita ou não, nem se o que está escrito corresponde fielmente às ideias de Saussure. A obra tem valor por si só. Seu valor está nas mudanças que provocou no entendimento de linguagem, língua e fala e tudo o que depois foi (re)pensado por causa e a partir dela. Se, como diria Saussure (1994, p. 15) ao falar de diferentes perspectivas para se analisar a palavra, “é o ponto de vista que cria o objeto”, pode-se, aqui, recontextualizar suas palavras para dizer que foi o ponto de vista de Saussure sobre a língua que impulsionou a Linguística como uma ciência.

Uma das mudanças provocadas por Saussure (1994) diz respeito aos conceitos centrais da obra. Saussure opera duas importantes distinções. A primeira diz respeito à definição de

linguagem e língua. A linguagem é multiforme, heteróclita e pertence a diferentes domínios por ser ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica (SAUSSURE, 1994, p. 17). Já a língua é homogênea, tem um princípio de classificação, é adquirida. E ela é adquirida porque é social, porque é partilhada por comunidades linguísticas. Para Saussure, “não é a linguagem que é natural ao homem, mas [sim] a faculdade de constituir uma língua” (ibid..em, p. 18). Desse modo, pode-se afirmar que a constituição de uma língua tem uma dimensão social. O que determina a língua materna de um indivíduo é a comunidade linguística em que ele se insere. Assim, o mesmo indivíduo, se nascer na Inglaterra, falará o inglês; se na Alemanha, o alemão; e assim por diante.

Reafirmando o aspecto social da língua que a faz ser diferenciada da linguagem, Saussure (ibid..em, p. 22) sustenta que essa “é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude dum contrato estabelecido entre os membros de uma comunidade”. Uma vez que os significados são criados e partilhados em uma comunidade, para que haja uma modificação na língua, essa precisa ser significativa a todos os membros. Assim, língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessários, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (ibid..em, p. 17). Um falante estrangeiro, por exemplo, precisa conhecer os significados compartilhados, as convenções adotadas da outra comunidade linguística para que possa haver uma interação coesa e coerente.

A segunda distinção é a de língua e fala: “a língua é para nós a linguagem menos a fala” (SAUSSURE, 1994, p. 92). Enquanto a língua é social, independente do indivíduo e considerada por Saussure “essencial” (ibid..em, p. 22), a fala é o ato individual (porque é o mecanismo pelo qual o falante exprime e exterioriza seu pensamento pessoal através das escolhas e combinações do código da língua) e acessória da linguagem. Em relação à língua, Saussure (1994, p. 21) afirma:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Para Saussure, diferentemente da fala, a língua pode ser estudada separadamente. A língua, ocupa, assim, um lugar privilegiado na Ciência Linguística e passa a ser o objeto da Linguística e também o do CLG.

Saussure (1994, p. 18) sintetiza que a língua é um sistema de signos e que “um sistema de signos distintos corresponde a ideias distintas”. Em outras palavras, a língua é compreendida como um sistema de signos capaz de exprimir ideias, os quais são compartilhados por uma comunidade linguística. Um signo linguístico é uma entidade psíquica que é composta da união de um conceito (o significado) a uma imagem acústica (significante), que é a impressão psíquica do som. “Esta combinação produz uma forma, não uma substância” (ibid..em, p. 131). Saussure compara essa relação entre significado e significante a uma folha de papel, em que em um lado estaria o pensamento e no outro, o som (ibid..em, p. 131). É impossível cortar um sem cortar o outro. É impossível desvincular um do outro. Isso pode ser percebido ao imaginarmos um falante que está em um país estrangeiro e desconhece a língua desse. Para ele, a língua adicional não passa de ruídos uma vez que não consegue atribuir significados aos sons.

Dois princípios caracterizam o signo linguístico: a arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante. É arbitrário porque não há uma relação para a correspondência entre o significado e o significante. O “significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (ibid..em, p. 83). Já o caráter linear diz respeito à extensão do signo, que se dá em uma linha ou (1) de tempo, como os significantes acústicos ou (2) espacial, quando representados na escrita, impossibilitando que se pronuncie ou se escreva dois elementos ao mesmo tempo. “O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo” (ibid..em, p. 84).

Para explicar a ideia de língua como sistema de signos, Saussure a compara a uma partida de xadrez. Essa comparação permite entender o valor das peças, ou seja, o valor do signo. Cada peça tem seu valor o qual depende da relação com outras peças diferentes. Na língua, “cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos” (ibid..em, p. 104). É a relação com outros signos, ou seja, uma relação de oposição e diferença, que estabelece o valor de um determinado signo. Assim, “o valor resulta tão somente da presença simultânea de outros” (ibid..em, p. 133). Devido a esse entendimento, quando se busca correspondências ou mesmo tradução entre línguas diferentes, pode-se muitas vezes se encontrar num impasse porque pode não haver uma palavra que possa ser trocada sem alteração de valor.

Saussure (1994) exemplifica seu conceito de valor através da análise dos termos ‘carneiro’ (português), ‘mouton’ (francês) e ‘sheep’ (inglês). Os três termos apresentam a mesma significação porque podem ser trocados entre si com a mesma ideia. Contudo, não o possuem o mesmo valor porque em inglês o termo ‘mouton’ (termo que tem relação de oposição a ‘sheep’) é empregado para se referir ao prato preparado com esse tipo de carne, enquanto o outro se refere ao animal. E tanto no português como no francês não há um termo que corresponda exatamente a esse valor. “A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou *carneiro* se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo” (ibid..em, p. 134). Pode-se compreender, então, que um valor só pode ser estabelecido dentro de um sistema, numa relação de diferença e oposição a outros valores. Além disso, existe uma regra do jogo que é previamente estabelecida entre todos os jogadores e está presente em toda a partida. Isso ocorre também na língua: “são os princípios da Semiologia” (ibid..em, p. 104). Trazendo esses aspectos para o contexto de ensino de língua adicional, pode-se apontar que não basta apenas ensinar termos e suas traduções, mas também é preciso ensinar os valores que cada signo possui, que é necessário conhecer as regras do sistema de língua estrangeiro para que se possa ser estabelecer uma comunicação eficiente.

Depecker (2012, p. 65) defende que “a imagem da ‘partida de xadrez’ não é um simples exemplo tomado ao acaso. Ela se revela, em sua precisão, quase fundadora, pois permite uma melhor representação do método em linguística. Encontramos aqui a questão da oposição entre estado de língua e transformação da língua no tempo”. Contudo, há algumas distinções, apontadas pelo próprio Saussure: na partida de xadrez as regras não podem ser alteradas, enquanto que na língua podem ocorrer mudanças de valor que podem mudar o conjunto. Acrescenta-se, ainda, outra diferença: o jogador tem uma intenção de modificar o lugar de uma peça e também do sistema, o que não ocorre na língua, pois as peças são deslocadas “espontânea e fortuitamente” (SAUSSURE, 1994, p. 105).

3. Implicações da teoria para o contexto de ensino de inglês como língua adicional

Ao começar a aprender uma língua adicional (vide nota 2), o indivíduo se depara com as semelhanças entre os sistemas, que o ajudam a compreender e a ‘traduzir’ significações, mas também se depara com as distinções. Nestes casos, muitas vezes, não é possível encontrar uma correspondência tal e qual na língua materna, o que, por sua vez, pode gerar um desconforto ao não conseguir compreender ‘exatamente’ o que é dito e/ou a não conseguir dizer o que se deseja.

Como constata Saussure, “se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim” (SAUSSURE, 1994, p. 135).

Alguns erros comuns produzidos por estudantes brasileiros ao aprender a língua inglesa mostram que essas correspondências não são possíveis e que nem sempre podemos traduzir termos nem mesmo ‘traduzir’ um sistema tendo como base o sistema de nossa língua materna. Um desses erros diz respeito aos tempos verbais simples, como o passado e o presente simples. Com exceção do verbo ‘be’ [ser/estar] e ‘have’ [ter], para se indicar que um verbo está no tempo passado utiliza-se o auxiliar ‘did’ em frases negativas e interrogativas ou o sufixo ‘ed’ para verbos regulares em afirmativas. O erro ocorre quando se usa ao mesmo tempo o auxiliar e o ‘ed’ ou se usa o ‘ed’ em frases que não são afirmativas. Por exemplo:

Did you enjoyed the movie? (correto: **Did** you enjoy the movie?) [Você gostou do filme?]
I **not** enjoyed the movie. (correto: I **did not** enjoy the movie./ I **didn’t** enjoy the movie.) [Eu não gostei do filme.]
I **did** enjoy the movie. (correto: I **enjoyed** the movie.) [Eu gostei do filme.]

Possivelmente, o que ocorre é que, na “tradução”, o termo inglês ‘did’ não corresponde a outro termo em português, mas sim à desinência de tempo do verbo. Não é possível encontrar na nossa língua um termo de mesmo valor ou mesmo similar porque a construção dos tempos verbais é realizada através de estruturas diferentes. Não é possível também traduzir o termo ‘did’ para o português. Esse termo pode apenas ser traduzido se estiver relacionado a um verbo, como parte integrante do verbo, na marcação do tempo verbal. Não há, nos tempos verbais em português, um termo existente para indicar o tempo verbal. O significado de ‘did’ é o tempo verbal. Mas sozinho não possui sentido.

De modo semelhante, o mesmo ocorre com o presente simples. Diferentemente do passado simples, os verbos no presente correspondem às terceiras pessoas do singular (‘she’ [ela], ‘he’ [ele] e ‘it’) são marcados, nas frases afirmativas, pelo ‘s’, ‘es’ ou ‘ies’ e nas frases interrogativas e negativas pelo auxiliar ‘does’. Por exemplo:

You teach French? (correto: **Do you** teach French?) [Você ensina francês?]
Do he teach French? / **Do he** teaches French? (correto: **Does he** teach French?) [Ele ensina francês?]
He teach French. (correto: **He** teaches French.) [Ele ensina francês.]
They teaches French. (correto: They teach French.) [Eles ensinam francês.]

Além do uso do auxiliar, a marca da terceira pessoa do singular é muitas vezes empregada erroneamente como marca de plural. ‘Teach’ confundido como verbo no singular e ‘teaches’ como verbo no plural. Essa confusão pode ocorrer devido ao ‘s’, que, na maioria das vezes é marca do plural em português. Ou talvez porque a diferença entre ‘ensina’ e ‘ensinam’ é justamente a presença do ‘m’, ou seja, a adição de um outro signo para significar plural, numa relação de oposição e diferença à forma do singular.

Outro ponto que gera desconforto diz respeito ao uso do verbo ‘be’, que corresponde em português a dois verbos: o ser e o estar. Por exemplo, quando se diz: ‘I am happy’ [eu sou/estou feliz], muitos falantes de português se perguntam se está se falando de uma identidade do eu ou se se refere a uma situação momentânea. Isso porque os limites entre aquilo que é uma definição, um atributo do sujeito e aquilo que é um estado, uma condição é claramente distinta através da presença dos dois verbos. Assim, o verbo ‘be’ não tem correspondente de mesmo valor na língua portuguesa. Resta, então, aos falantes de português, buscar estratégias linguísticas para poderem produzir sentidos semelhantes, mas nunca iguais. Uma dessas estratégias é o emprego de ‘now’ [agora], ‘today’ [hoje] para indicar o estado do sujeito – ‘I am happy today’ [eu estou feliz hoje]; ou através do emprego de ‘always’ [sempre] para indicar uma definição desse – ‘I am always happy’ [eu sou/estou sempre feliz]. Apesar de apresentar, neste último caso, alguns ‘ruídos’ por não corresponder exatamente à intenção do que se quer dizer, pode-se compreender que ‘estar sempre feliz’ pode indicar uma definição do sujeito.

Há ainda outros impasses que podemos encontrar ao se expressar em uma língua adicional: a de não encontrar um termo para produzir nem ao menos um sentido semelhante. É o que se pode compreender através das palavras ‘cat’ [gato/a], ‘little cat’ [gatinho/a]. Em inglês a palavra só é empregada para se referir ao mamífero, sem haver distinção entre sexo feminino e masculino, enquanto que em português, além de haver dois termos distintos, pode ser usada para se referir a um ser humano atraente fisicamente, ou seja, bonito. O significado de ‘cat’ é somente um. Se um falante de português empregar a palavra ‘cat’ ou a expressão ‘little cat’

com o significado de atraente para se comunicar com falantes nativos de inglês ou mesmo para se comunicar com outros falantes de inglês como língua adicional, o termo não produzirá sentido algum, pois possui significação e, portanto, valor diferente do que se quer expressar. Apesar disso, o falante de português poderá empregar outras palavras de sentido semelhante, como ‘cute’, mas sem partilhar do mesmo valor.

Aliás, a distinção entre o feminino e masculino é outro ponto de divergência entre os dois sistemas. Enquanto que no português a maioria das marcas entre esses dois gêneros é feita através do emprego de ‘a’ (para feminino) e ‘o’ (para masculino) no final dos termos, em inglês isso não ocorre porque não há essa distinção. Se o falante de português disser: ‘Ela saiu para jantar com uma antiga amiga’, fica evidente que se trata de duas pessoas do mesmo sexo. Mas em inglês isso não é possível de ser percebido, uma vez que os substantivos, como ‘friend’, podem ser tanto femininos quanto masculinos, pois o gênero não é marcado, como, por exemplo, na frase: ‘She went out for dinner with an old friend’ [Ela saiu para jantar com um/a velho/a amigo/a]. Em alguns contextos, saber se se trata de um amigo ou amiga pode ser uma informação relevante. Nesses casos, é preciso buscar estratégias para esclarecer esse aspecto, utilizando, por exemplo, o nome do/a amigo/a ou mesmo utilizando adjetivos como ‘female friend’ [amiga] ou ‘male friend’ [amigo]. Nota-se que, de modo semelhante aos auxiliares dos tempos verbais do inglês que se transformam em desinências verbais, também as palavras ‘female’ e ‘male’ se transformam na flexão de gênero no português. A partir disso, observa-se a existência de uma via de mão dupla: enquanto o falante de português precisa encontrar formas de expressar essa diferença de gêneros, o falante de inglês precisa entender quais são os substantivos femininos, masculinos, neutros, entre outros, pois não há correspondência entre os sistemas.

Esse aspecto da marca de gênero também está presente nos pronomes pessoais. Embora os pronomes da terceira pessoa no singular apresentem essa distinção, a saber, ‘she’ [ela], ‘he’ [ele] e it (neutro, usado para objetos e animais), o mesmo não ocorre no pronome da terceira pessoa no plural ‘they’ que pode se referir tanto à elas quanto à eles. Trata-se de um pronome neutro. Para informar que está se referindo a elas ou eles, o falante de português não poderá usar o pronome. Ao invés disso, precisa utilizar substantivos tais como ‘women’ [mulheres], ‘girls’ [meninas], ‘men’ [homens], ‘boys’ [meninos]. Assim, na ausência de um termo para se referir a ‘eles’ ou ‘elas’, outros termos são utilizados. Entretanto, apesar do pronome da terceira pessoa do plural poder ser substituído por outros termos, como os substantivos citados, esses

não são idênticos. Não possuem, portanto, o mesmo valor, uma vez que os substantivos não estão em relação de oposição e diferença aos pronomes da terceira pessoa no singular; por isso, o sentido será (apenas) próximo, mas não igual.

Tais questões não dizem respeito somente entre línguas diferentes, pois até mesmo em uma mesma língua poderão os termos terem significações e valores diferentes dependendo do contexto cultural do falante. Tais questões de correspondência podem ser observadas no caso do inglês americano e britânico. Os significados atribuídos à palavra ‘pants’, por exemplo, mudam. Isso quer dizer que o mesmo significante pode apresentar a significados distintos: no Reino Unido, um falante entenderá ‘pants’ como uma peça de roupa íntima. Já nos Estados Unidos, será entendido como calça. Isso aponta para os efeitos da separação geográfica entre falantes da mesma língua. Apesar de conservar boa parte de um passado comum, cada um evoluiu de maneira diferente. A esse respeito, Saussure (1994, p. 244) explica:

De maneira geral, uma língua que evolui na descontinuidade geográfica apresenta, em face das línguas parentes, um conjunto de traços que lhe pertencem exclusivamente, e quando esta língua se fraciona, por sua vez, os diversos dialetos que dela surgem atestam, pelos traços comuns, o parentesco mais estreito que as une entre si, com a exclusão de dialetos de outros territórios.

Contudo, o problema de buscar correspondências entre as línguas não ocorre apenas em relação a termos, mas também à posição deles no discurso. É o caso de se dizer em português ‘velha amiga’ e ‘amiga velha’. Embora os signos sejam os mesmos, os termos ‘velha’ possuem valores diferentes, pois no primeiro caso está em relação de oposição à ‘recente’ (tempo de relação de amizade) e no segundo à ‘nova’ (idade). Os valores são diferentes porque os termos estão em posição diferentes, apesar de serem os mesmos. E é porque os valores são diferentes que os mesmos termos são capazes de expressar sentidos diferentes. Contudo, esse jogo da língua não é possível de ser realizado na língua inglesa porque nesse sistema o adjetivo deve sempre vir antes do substantivo, não havendo outra possibilidade.

Há, ainda, outro exemplo que aponta para esta perspectiva. Na língua inglesa, em alguns casos, a utilização ou não da vírgula antes da conjunção aditiva ‘and’ [e] produz sentidos diferentes. A ‘Oxford comma’ – denominada também como ‘serial comma’ – é um estilo de escrita utilizado tradicionalmente por editores da *Oxford University Press*: o uso opcional da vírgula antes do ‘and’ [e] quando elementos são listados (OXFORD, 2015, s/p). Na frase abaixo, retirada do site *Today Food* (HYMORE, 2015, s/p), há um exemplo de uso:

Why use store-bought condiments, full of sugar, salt, and other junk, when homemade versions are way more delicious? All it takes is fresh, local ingredients and it's ready, set, serve.

[Por que usar condimentos comprados em lojas, cheios de açúcar, sal e outras porcarias, quando as versões caseiras são muito mais deliciosas? Só é preciso ingredientes frescos, locais e está pronto, arrumado, servido.]

No caso antes citado, o uso da vírgula indica que os condimentos contêm, além de açúcar e sal, outros ingredientes não saudáveis. Mas se a vírgula fosse retirada, a ideia seria outra: a de que por que nós compramos condimentos e outros produtos não saudáveis. Assim, o que muda é o valor de ‘other junk’, que por sua vez muda o sentido produzido. Isso porque, retomando a ideia da partida de xadrez de Saussure, “O valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro” (SAUSSURE, 1994, p. 104). Tal jogo de palavras da língua inglesa estabelecido pela vírgula não é possível na língua portuguesa por não ser permitido, segundo a gramática normativa, o uso de vírgula antes da conjunção aditiva ‘e’ quando se tratar de elementos listados.

Há, ainda, outros exemplos mais comuns, como em frases de dedicatórias²:

"I would like to thank my parents, Ayn Rand and God". [Eu gostaria de agradecer meus pais, Ayn Rand e Deus.]

"I would like to thank my parents, Ayn Rand, and God".

Na dedicatória acima, na primeira frase agradece-se aos pais, cujos nomes são Ayn Rand e God. Já na segunda, agradece-se aos pais, uma outra pessoa com o nome de Ayn Rand e também à Deus. Os termos são os mesmos, mas os valores mudam dependendo da relação que é estabelecida entre eles. “Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema” (SAUSSURE, 1994, p. 136). Nos exemplos citados, essa relação entre os termos é dependente do uso ou da ausência da

² Esse é um exemplo bastante utilizado em diversos sites para exemplificar o uso da vírgula. Um dos sites é https://en.wikipedia.org/wiki/Serial_comma.

vírgula. A vírgula funciona aqui como um elemento que atua na organização da relação entre os termos e tem papel fundamental no sentido produzido.

De uma forma sintética, pode-se compreender que aprender uma língua adicional implica aprender um outro sistema de signos que apresenta diferenças no modo de organização da estrutura da língua (como os tempos verbais passado e presente simples, ou a posição de substantivos e seus adjetivos), no entendimento de visão de mundo (como na diferenciação de ser/estar ou a significação de ‘cat’ e ‘gatinho’). Tais diferenças podem ainda ser encontradas em um mesmo sistema de signos, que podem variar de acordo com o contexto cultural em que está inserido (como o termo ‘pants’).

4. Considerações Finais

As contribuições da teoria de Saussure de língua como sistema de signos são muitas e em diversos campos. Ao que interessa neste texto, pode-se compreender que a dimensão social da língua não é nada acessória, mas é o que permite que os significados sejam produzidos e compartilhados pelos sujeitos. Como afirmou Saussure, um indivíduo, por si só, não pode construir uma língua, nem mesmo produzir modificações em uma já existente.

Além disso, é preciso acrescentar que cada sistema de signo pode possuir distintas significações, valores, e produzir sentidos diferentes. E é isso que faz com que um não seja igual ao outro. Contudo, essa diferença não pode ser transformada em empecilhos para uma comunicação intercultural ou mesmo produzir visões estereotipadas. É preciso desenvolver uma sensibilidade cultural para compreender as diferenças como algo positivo e buscar modos para atravessar as fronteiras que podem separar modos diferentes de produzir sentidos. Assim, é preciso compreender as lacunas existentes entre os sistemas e, a partir dessa compreensão, buscar estratégias para evitar desentendimentos para expressar a intenção do falante. O desenvolvimento dessas competências permite entender o que pode ou não ser dito e qual a forma mais apropriada, respeitando o outro. E para que se possa compreender o modo de expressar do outro, é preciso também compreender o seu próprio. E isso só pode ser possível quando entendemos o funcionamento do sistema de signos, quais significações aí circulam, que valores linguísticos possuem. A riqueza está justamente aí, na diferença que soma.

Referências Bibliográficas

DEPCKER, L. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HYMORE, K. Today Food. **A healthy homemade ketchup recipe and 4 more DIY condiments**. 14 de Jul. de 2015. Disponível em: <http://www.today.com/food/healthy-homemade-ketchup-recipe-4-more-diy-condiments-t32131>. Acesso em: maio de 2014.

MOTTA-ROTH, D. Competências comunicativas interculturais no ensino de inglês como língua estrangeira. In: **Linguagem, cultura e sociedade**. 1 ed. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, v.01, p. 191-201, 2006.

OXFORD Dictionaries. What is the 'Oxford comma'? Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/words/what-is-the-oxford-comma>. Acesso em: maio de 2014.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1994.

Artigo recebido em: 10.01.2017

Artigo aprovado em: 09.03.2017